



rumores e ruídos

## REFLEXÕES SOBRE O ENEM

Nos dias que antecederam as provas do ENEM (EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO), realizadas neste último fim de semana, as diversas mídias deram ampla e variada cobertura ao que o jornal O GLOBO disse ser um país. Com 5,7 milhões de inscritos, o exame correspondeu à população da Nicarágua e foi superior à do Uruguai por exemplo.

Os dados foram estratificados levando em conta as variantes de gênero, raça, de regionalização e de vinculação institucional pública ou privada. São várias as funções do exame, criado, há 15 anos pelo MEC, para ser, também, uma avaliação diagnóstica do Ensino Médio. Hoje, apesar das falhas de sigilo que levaram ao seu cancelamento em mais de uma circunstância, o ENEM tornou-se a principal, quando não única, forma de acesso aos bancos universitários, destronando uma longa tradição de distintos vestibulares por todo país e centralizando um modo de elaboração de competências e habilidades que não deixa de gerar os mesmos protocolos dos antigos vestibulares: cursos preparatórios, aulas de reforço, redes de apoio psicológico, “dicas” de alimentação, “receitas” de redação.

Que não pareçam tais comentários uma crítica ao exame em si, que, no frígido dos ovos, impôs reformulações necessárias e urgentes aos currículos do Ensino Médio quanto às formas de organização dos conteúdos disciplinares (as competências) e às suas intenções: levar o aluno a inferir, comparar, deduzir, derivar, interpretar (as habilidades). Como diagnóstico de um segmento da Educação Básica, as provas deveriam ter sido elaboradas espelhando uma prática pedagógica, à época, ainda muito factual e estanque, baseada em regras, memória e comandos de execução. No contrafluxo, as provas do ENEM, distribuídas pelas áreas de Redação, Linguagens e Códigos, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e suas tecnologias, sacudiram as pedagogias do ensino-aprendizagem com a salutar obrigação da interdisciplinaridade, ou seja, do diálogo entre elas, e da transversalidade, uma



questão que puxa a outra não necessariamente da mesma disciplina, fazendo com que o aluno habituado a pensar por “gavetinhas” se espantasse com a ausência de uma sequência disciplinar. Mas sequência há, de ordem temática, o que o leva a acionar diversas competências para resolução de uma única questão.

Verdade seja dita, em 1998, o ENEM foi um estorvo para escolas e professores distantes dessas práticas mais “aeróbicas”, presos aos seus territórios, pouco dispostos ao esforço dialógico e à curiosidade da pesquisa. Passados quinze anos, arrisco dizer que ainda o é, constrangendo professores, coordenadores e diretores a um planejamento conjunto de conteúdos e atividades, aulas compartilhadas e muita leitura.

Trocando em miúdos, as 180 questões não estão agrupadas por disciplinas, contam com muitos textos que exigem decodificação e interpretação para que o aluno selecione as competências e habilidades que empregará nas suas resoluções. Reconheçamos também que, para o êxito pretendido, tais questões devem ser muito bem elaboradas para não darem margens a respostas equivocadas. A dificuldade maior apontada por alunos e especialistas está, infelizmente, na leitura, ou seja, saber entender, com clareza, o que está sendo solicitado.

Para lidar com esses novos direcionamentos, as mídias e as escolas, mesmo que bem intencionadas, incorrem muitas vezes num discurso fracassado: “dicas”, “receitas”. Sem rabugices, seria tão melhor falar em orientações e critérios. Orientações como estudar com regularidade, não acumular conteúdos, revisá-los, tirar dúvidas, manter-se informado sobre as atualidades, posicionar-se sobre elas e, sobretudo, tentar sanar defasagens (eis o maior problema num país com tamanhas discrepâncias educacionais). Além das de ordem físico-mental: alimentar-se bem, fazer atividades físicas, relaxar.

Os critérios com os quais a redação, a prova mais temida, deve ser elaborada não constituem uma receita, um modo de preparo, um passo a passo facilmente executável, uma vez conhecido. Escrever não depende apenas do



conhecimento de critérios, depende de seu exercício paulatino e insistente. Escrever com clareza e consequente eficiência é tarefa árdua para os que não se exercitam com alguma obstinação. Talento, dom, inspiração não fazem a menor diferença. Escrever com coerência para poder defender argumentos e persuadir os leitores (no caso, os corretores) requer não só informações sobre os assuntos tratados, mas a capacidade de saber selecioná-las, organizá-las, exemplificá-las, comprová-las e, principalmente, amarrá-las com lógica. Para que isso ocorra, o “ingrediente” mais importante a ser empregado, o que vai dar a liga do bolo e colocá-lo de pé, é a correta utilização dos elementos de coesão (em especial, pronomes, advérbios, preposições e conjunções). Para empregá-los, é preciso conhecer a sua semântica. Aliás, tais orientações e critérios valem para qualquer exercício de escrita e fala, pois de pouco adianta uma boa ideia na cabeça refém de uma triste impotência para fazê-la existir em linguagem exteriorizada.

Lembremos, por último, que as funções da escola na formação do indivíduo vão muito além das preocupações com o ENEM.